

RUBEM ALVES

Seleção e organização
EDVALDO DE PAULA NASCIMENTO

A MÚSICA DA NATUREZA



P A P I R U S E D I T O R A

Capa: Fernando Cornacchia
Foto de capa: Rennato Testa
Coordenação: Beatriz Marchesini
Seleção e organização: Edvaldo P. Nascimento
Diagramação: DPG Ltda.
Copidesque: Lúcia Helena Lahoz Morelli
Revisão: Solange F. Penteado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alves, Rubem

A música da natureza / Rubem Alves. — Campinas, SP :
Papirus, 2004. Rubem Alves ME.

ISBN 85-308-0743-X

1. Conservação da natureza 2. Crônicas brasileiras 3. Educação
ambiental 4. Lixo – Recuperação 5. Meio ambiente 6. Proteção
ambiental I. Título.

04-1407

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Preservação do meio ambiente :
Literatura brasileira 869.93

O objeto de capa (*flugel horn*)
foi gentilmente cedido pela Timbres –
Instrumentos Musicais e Acessórios.

Algumas das crônicas que compõem esta
obra já foram publicadas anteriormente em
jornais, revistas ou outras obras do autor.

2ª Edição
2004

Proibida a reprodução total ou parcial
da obra de acordo com a lei 9.610/98.
Editora afiliada à Associação Brasileira
dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© M.R. Cornacchia e Editora Ltda. – Papirus Editora
Fone/fax: (19) 3272-4500 – Campinas – São Paulo – Brasil
E-mail: editora@papirus.com.br – www.papirus.com.br

12. A música das estrelas



Antigamente, quando eu ficava aflito, entrar numa igreja me tranquilizava. O silêncio me fazia bem. Hoje não faço mais isso: o Cristo crucificado me perturba. A idéia de que um Pai, especialmente o Pai Divino, para satisfazer as leis que ele mesmo estabeleceu, tenha matado o próprio filho de maneira tão cruel fica atravessada na minha garganta. Mil vezes pior que Édipo. Pai não é assim. Pai, se puder, se deixa crucificar pelo filho. Gostaria que o Deus cristão e não o Vinicius tivesse escrito estas palavras para nós, seus filhos: "(...) eu, muitas noites, me debrucei sobre o teu berço e verti sobre teu pequenino corpo adormecido as minhas mais indefesas lágrimas de amor, e pedi a todas as divindades que cravassem na minha carne as farpas feitas para a tua". Pois eu estava aflito, os pensamentos perturbados, precisava de um lugar de paz; minha cabeça trabalhou, procurando, até que o encontrei. Fui. O sol estava se pondo quando cheguei. Lá do alto se podia ver um cenário de 270 graus. Um vento fresco soprava sobre os campos silenciosos. De vez em quando, o pio de alguma ave solitária. Mas eu me enganara. Pensara que seria o único. Um

outro tivera a mesma idéia, um outro também escolhera aquele lugar como o seu lugar sagrado. Executava uma dança: tai-chi. A cena era magnífica, o seu corpo se movimentando no palco de tijolos contra o sol poente. Parei em silêncio. Não me atrevi a perturbar aquele momento mágico. A beleza era tanta, que meus pensamentos ansiosos tiveram que fugir: não havia lugar para eles. Parei de pensar. “Pensar é estar doente dos olhos”, disse o Alberto Caeiro. Naquele momento, meus olhos gozavam perfeita saúde. Eu era só olhos. Só desejava ver. O pio dos pássaros e o vento na minha pele eram parte daquele êxtase do olhar.

Sempre que posso vou lá. Geralmente, o lugar está vazio. Acho que poucos sabem da sua existência. É o “Observatório a olho nu”, da Unicamp. O caminho é simples: sobe-se entre o Instituto de Economia e a Faculdade de Educação, dobra-se à esquerda e depois, à direita. Ele fica no alto da subida, numa estrada de terra, à direita, quase invisível.

É um lugar feito para observar os céus. Observar e escutar. “Os céus proclamam a glória de Deus”, diz o poeta sagrado. “Sem linguagem e sem fala, a sua voz se faz ouvir até os confins da terra...” Quem observa os céus ouve palavras e melodias que só existem no silêncio: são as sussurrantes palavras dos deuses. Os deuses falam sempre em voz baixa. A contemplação das estrelas é poderoso antídoto contra a loucura.

Quem ouve os céus desendoida e fica sábio. Quem ouve a música das estrelas nos céus consegue viver tranqüilo em meio ao barulho da Terra.

Kepler foi o astrônomo que conseguiu colocar em fórmulas matemáticas as órbitas dos planetas. Poucos, entretanto, sabem que ele usava a matemática apenas como instrumento para ouvir a música divina que os astros tocavam desde a criação do mundo. E nós também. É por isso que amamos o canto gregoriano: ele é uma tradução, para ouvidos humanos, das harmonias musicais das esferas de cristal: tudo é perfeito, tudo é equilíbrio.



Sem lunetas, sem telescópios, sem computadores: somente os olhos, do jeito mesmo como o fizeram os babilônios e os astecas, muitos séculos atrás. Tudo lá tem sentido. Há, por exemplo, bem no meio da plataforma superior, um orifício vertical, igual ao de uma das pirâmides astecas, no México. Por aquele orifício, no dia e no momento em que o sol estiver no umbigo absoluto do céu, por ele passará um raio de sol que incidirá sobre o vértice superior de uma pirâmide de espelhos, colocada no centro de um espelho-d'água no piso inferior, repartindo-se então em quatro, indicando os quatro pontos cardeais. Não seria maravilhoso estar lá, naquele momento, esperando o raio de sol? As quatro janelas do andar inferior marcam o movimento do sol em cada uma das estações do ano. O sonho original dizia que, diante de cada uma dessas janelas, se plantaria um pequeno bosque de árvores que floresceriam naquela estação. De modo que, ao crepúsculo, seria possível ver o sol mergulhado na copa florida das árvores. E havia também o sonho de um relógio de flores – pois as flores se abrem e fecham em horas certas: há a ipoméia (*morning glory*), a onze-horas, a dama-da-noite, a flor-da-lua. Certamente seria um templo aos quatro elementos fundamentais dos filósofos antigos: o *vento*, soprando sobre a pele, o *fogo*, se pondo no horizonte, a *terra*, onde crescem as flores, e a *água*, que teria de jorrar em alguma fonte.

Mas esses foram sonhos. O lugar está abandonado. Vândalos o usaram como desafio para suas motos. Outros cobriram as paredes com palavras idiotas. Não se plantaram as árvores, não se plantou o jardim, não se fez o espelho-d'água com a sua mágica pirâmide. O raio de sol deve ter entrado pelo buraco, mas o que ele encontrou não foi beleza, mas só sujeira.

A despeito disso, eu continuo a amar aquele lugar. É só não olhar para baixo, olhar para as estrelas, para o sol, para longe dos homens e os seus detritos. As estrelas continuarão a girar, o vento continuará a soprar, os pássaros continuarão a piar, muito depois de termos desaparecido. E haverá outros dançarinos que ali celebrarão o mistério do corpo e da vida.



Nos tempos em que eu era professor da Unicamp, o “Observatório a olho nu” era, para mim, símbolo daquilo que sempre sonhei e sonho como ideal para a universidade: a combinação de ciência com sapiência, de conhecimento com sabedoria. As universidades têm tido uma grande capacidade de produzir ciência. Nesse sentido, elas têm investido todos os seus esforços e recursos. Mas não estou certo de que elas tenham tido interesse e sucesso comparáveis na produção de sabedoria. E a sabedoria, sem dúvida alguma, é mais importante que a ciência. O conhecimento científico nos dá poder, meios para viver. Mas é só a sabedoria que nos dá as razões para viver.

